

EDUCAÇÃO INTEGRAL E O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO:
NOVOS ATORES SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM O GRUPO DOCENTE NA
ESCOLA¹

Eliane Aparecida Faber²

Resumo:

Como o Programa Mais Educação é uma via para a implantação da Educação Integral, e vem gerando uma mudança de paradigma educacional, este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação cotidiana entre o grupo docente da escola e os novos atores sociais, denominados de “monitores”, inseridos no contexto escolar e que não possuem formação acadêmica específica e como isso pode influenciar nas diferentes práticas da tarefa de compartilhar o ensino.

Palavras-chave: Programa Mais Educação. Relações. Docentes. Novos atores sociais.

¹ Artigo resultante do Curso de Especialização em Educação Integral e Integrada na Escola Contemporânea, com financiamento do FNDE, orientado por Suzana Moreira Pacheco-Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Pedagoga (Universidade Unisinos); Coordenadora do Programa Mais Educação na EMEF Arnaldo Grin-NH.

1 Introdução

A discussão em torno da educação integral e da ampliação de tempos e espaços da escola vem de longa data. Hoje, o aumento de escolas públicas oferecendo a jornada ampliada através do Programa Mais Educação aponta vários desafios, entre eles podemos citar a inserção de novos profissionais na educação e as novas formatações no trabalho de ensinar.

O interesse no tema deste artigo surgiu através da observação das relações existentes entre professores do turno regular e os monitores do Programa Mais Educação em uma escola do município de Novo Hamburgo, onde desempenhei a função de Coordenadora do Programa por um período de seis meses. Por meio dessa trajetória profissional, de minhas percepções, venho problematizando o ambiente escolar e a dinâmica das relações existentes entre os diferentes sujeitos educadores.

A necessidade de elaboração deste estudo como conclusão do curso de Especialização em Educação Integral constituiu-se em uma oportunidade de formalizar essas percepções em uma questão principal, qual seja a de verificar: como acontece a relação entre o grupo docente da escola e os novos atores sociais que estão se inserindo no espaço escolar e que ainda não possuem formação acadêmica específica?

Dessa questão maior, surgem os objetivos do presente trabalho: analisar a relação cotidiana entre o grupo docente e estes novos atores sociais, denominados de “monitores”, inseridos no contexto escolar e que possuem formações de graus diferenciadas, e como isso pode influenciar nas diferentes práticas da tarefa de compartilhar o ensino.

2 Contextualização do estudo: Educação Integral e a ampliação de tempos e espaços

[...] se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante [...]. Paulo Freire (1996, p.126)

A ampliação da jornada escolar é um processo que vem transformando a realidade da educação brasileira. Desde a década de 30, já se percebia a necessidade de promover outros tempos e espaços para uma aprendizagem diferenciada, e neste contexto inicial surgem as ideias de Anísio Teixeira com as escolas parque, e Darcy Ribeiro com os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPS). As propostas de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro projetavam-se como políticas públicas e propunham a ampliação do tempo escolar por meio de atividades no campo dos esportes, das artes, da iniciação ao trabalho, da leitura e escrita. Anísio Teixeira também defendia a realização de concurso público para profissionais formados atuarem na educação, mas estas propostas tiveram curto período de duração por falta de investimentos financeiros na época. Um importante legado que ficou destes dois pensadores foi o reconhecimento da necessidade de ampliar e qualificar o tempo escolar, superando o caráter parcial e limitado que as poucas horas diárias proporcionam, reconhecendo as múltiplas dimensões que caracterizam o ser humano.

Na contemporaneidade, quando se trata em promover a ampliação da jornada escolar, pensamos quem seriam os responsáveis por esta tarefa. É papel do estado, segundo a legislação educacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Constituição Federal, entre tantas outras leis a garantia de acesso e permanência na escola, local este onde se constitui também a efetivação de direitos. Neste contexto, o Governo Federal instituiu o Programa Mais Educação, por meio da Portaria Interministerial nº 17/2007, que integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação e outros ministérios. Este programa é na verdade, um ensaio para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da educação integral, requerendo o compartilhamento da tarefa de ensinar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias, os diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores.

No município de Novo Hamburgo, a rede de ensino é constituída por 77 unidades sendo 54 de escolas de ensino fundamental e 23 de educação infantil. Hoje, 45 escolas participam do Programa Mais Educação, atendendo 5 249 alunos em 30.900 atendimentos semanais, conforme consolidado.

O Programa Mais Educação foi implantado em Novo Hamburgo em outubro de 2008 a partir de um acordo de cooperação técnica entre o Município e o

Ministério da Educação. Em 2008, 5 escolas aderiram ao Programa Mais Educação, já em 2009, motivados pelos relatos das equipes diretivas e pela necessidade da comunidade, mais 14 integraram-se a esta proposta. Em 2011, somaram-se mais 19, totalizando 39 escolas no programa. Em agosto de 2012, com a adesão de mais 6 escolas a Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo passou a ter 45 escolas contempladas com o PME. Em março deste ano, 8 escolas fizeram a adesão ao programa, portanto, a partir de agosto de 2013, os alunos das 54 escolas de ensino fundamental têm a possibilidade de participar das atividades propostas pela educação integral.

A escola, onde exerci a função de coordenadora e realizei minha pesquisa de campo, aderiu ao Programa Mais Educação em agosto de 2012, contemplando 102 alunos do total de 275 que estão matriculados.

3 Metodologia

A metodologia da presente pesquisa é de cunho qualitativo e apóia-se nas contribuições teóricas de George Gaskell (2007), onde a entrevista se refere a uma compreensão detalhada de valores, atitudes em relação ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos. O trabalho foi composto por entrevistas realizadas com dois professores, a coordenadora pedagógica da escola e com dois monitores que estão presentes na escola uma vez por semana. As entrevistas aconteceram na sala de professores da própria escola, no intervalo de almoço. Foram organizados dois grupos para a coleta de dados, sendo o primeiro com os professores e a coordenadora pedagógica, e o segundo grupo com os monitores, sendo que cada grupo participou da entrevista em dias diferenciados.

Com o primeiro grupo, para que a entrevista pudesse ser mais dinâmica, foram lançadas fichas com palavras-chave para reflexão. A primeira ficha continha as palavras *Programa Mais Educação*, a segunda ficha *Monitores* e por fim a palavra *Formação*, na terceira ficha. As fichas eram lançadas uma de cada vez e as colocações feitas pelos participantes, sobre cada palavra-chave, foram registradas através de gravação.

Para o segundo grupo, o dos monitores, foram feitas as seguintes perguntas:

1. Como você percebe o Programa Mais Educação na escola?
2. Você considera importante ter alguma formação para trabalhar no Mais Educação?
3. Como você se sente em relação ao grupo escolar?

Os monitores fizeram seus relatos, de acordo com a sequência das perguntas, e esses foram sendo registrados através de gravação.

O que revelaram as entrevistas:

A entrevista com os professores e a coordenadora pedagógica começou informalmente, com algumas colocações iniciais sobre o Programa e o que os mesmos sabiam a respeito de sua implementação na escola. Após determinado espaço de tempo a conversa ficou mais centrada e as colocações sobre cada ficha lançada anteriormente, com as palavras para reflexão, foram surgindo.

Os primeiros registros dos professores foram sobre o Programa Mais Educação, onde expressaram a inviabilidade do mesmo na escola, isso, segundo os docentes, pelo fato de não haver estrutura física adequada para receber os alunos. Como relata também a coordenadora pedagógica:

Primeiramente, é necessário ter estrutura física para acolher os alunos que participam, não tem sala apropriada e isso dificulta, pois os alunos que ficam próximos das salas acabam por “atrapalhar” o andamento da aula do turno regular, e os alunos não conseguem se concentrar nas atividades, pois ficam em contato com tudo que acontece no pátio da escola.

Além da estrutura física inadequada, foi colocada também a dificuldade em integrar os monitores à rotina escolar, tanto na integração do currículo, quanto em relação às regras escolares, à convivência e as relações interpessoais. O fato de que a maioria só está na escola uma vez por semana, parece ser um indicador desta dificuldade de integração. Outra dificuldade apontada foi a falta de formação ou experiência com trabalhos escolares ou em sala de aula, por parte dos monitores, o que segundo os professores, dificulta a organização escolar já constituída. Esse ponto colocado, já remete ao que foi expresso, a partir da segunda palavra-chave lançada referente aos monitores. Na fala de outra professora vem a seguinte colocação:

Os monitores não têm uma postura de disciplina ligada às regras da rotina escolar, os alunos são mais “livres”, dificultando a organização já estabelecida pela

escola. O jeito diferenciado dos monitores executarem suas funções gera certa “bagunça”. (Professora Educação Física)

Outro item abordado foi a formação destes monitores, motivados pela terceira e última palavra-chave. Os docentes levantam a questão com muita ênfase, afirmando que todos os monitores deveriam ter algum pré-requisito para ministrar as oficinas para que o objetivo do Programa seja cumprido e as regras escolares e organização dos espaços continue funcionando. Expõem também a dificuldade de aceitar/acolher alguns monitores sem formação específica para ministrar determinadas oficinas, principalmente as que se referem à área pedagógica. Explanam ainda que o Programa deva seguir a mesma rotina escolar, para que não se torne apenas passatempo para os alunos que o frequentam e para que o conteúdo e a disciplina trabalhados em sala de aula não se percam com a maneira diferenciada dos monitores darem sua oficina e tratem os alunos, no cumprimento das regras, na disciplina e na organização dos espaços.”.

Na entrevista com os monitores, eles colocam primeiramente a percepção que têm do Programa dentro da escola. Em uma de suas falas, percebe-se a importância do Programa como uma possibilidade de resgate do aluno, possibilidade essa que pode contribuir para uma nova proposta de ensino e aprendizagem, inspirados nestes projetos.

Outro fator interessante levantado pelos monitores é de que o Programa, com suas oficinas e materiais diversificados, também vem para diversificar o ensino tradicional, que em alguns aspectos, deixa a desejar. A aceitação, compreensão e entendimento sobre o *Mais Educação* integram outra fala que surge, pois a escola ainda não assimilou todas as mudanças que ocorrem com esta nova estruturação de jornada ampliada.

Os monitores veem a formação como algo importante para poder trabalhar nas oficinas, pois é necessário se adaptar ao trabalho e ver-se como um educador popular.

Para estar dentro da escola trabalhando com os alunos, tem que se atualizar, buscar conhecimentos e coisas novas dentro da oficina que damos. (Monitora oficina produção textual).

Em relação ao grupo escolar, os monitores entrevistados ainda se sentem afastados da equipe. Até o momento, não sentem liberdade para usufruir dos mesmos espaços sentindo-se inseguros, referem que algumas colocações que

fazem sobre os alunos ou trabalhos não recebem a devida atenção ou reconhecimento.

Considerações sobre as entrevistas

Todas as falas dos entrevistados, professores, coordenadora pedagógica e monitores remetem para as transformações que a ampliação da jornada escolar vem trazendo para o contexto escolar, propondo modificações em sua rotina e a inserção de novos atores sociais. Estas preocupações demonstradas com relação aos espaços, aos monitores e sua formação, já estavam previstas na criação do Programa.

Nesta perspectiva, quando se retrata a falta de espaços o Programa prevê a utilização de espaços comunitários próximos à escola para suprir a falta de estrutura física adequada para atender os alunos. Esta potencialização dos diferentes espaços da comunidade como locais de aprendizagens, pressupõe, conforme afirma Guará (2006, p.23), “que qualquer espaço que se pretende educativo só ganha sentido se recheado pela relação educativa entre crianças e educadores, onde um mosaico de ofertas podem se constituir em uma rede de aprendizagem importante e variada.” Podemos pensar que estes espaços podem ser as associações comunitárias do bairro, as igrejas, os centros comunitários ou, até mesmo, outras escolas parceiras que possuem espaços disponíveis.

Esta parceria já ocorre em várias escolas da cidade e, até mesmo, em alguns casos, se verifica uma mudança de postura da gestão em articular, os espaços escolares para acolher o Programa Mais Educação. A dinâmica de ocupação de outros espaços, que não só os da escola valorizam a pluralidade de saberes e reconhece as distintas formas de conhecimento e expressões. Tudo isso, contribui para construção de um projeto de sociedade democrática, que de acordo com Tilton (2008, p. 33) é uma sociedade que permite o acesso, o usufruto, a produção e a difusão de saberes, de bens culturais e recursos em geral, numa interação em rede com diferentes espaços sociais da cidade. À vista disso, a Educação Integral deve ser considerada como múltiplas dimensões da formação humana e dos diferentes contextos em que acontece, pois está próxima da vida e realidade cultural dos

alunos, e cabe aos envolvidos participarem deste processo ampliando o diálogo entre escola e comunidade.

O posicionamento dos professores em relação aos monitores, em sua forma de agir/interagir com os alunos e sua formação, são questões que causam estranhamentos nas relações entre ambos. Analisando as falas dos docentes, percebe-se a dificuldade em acolher esses os novos profissionais, muitos deles sem formação acadêmica específica, junto à rotina escolar. Parece ser penoso permitir que esses outros sujeitos possam interagir dentro do contexto que ele percebe como próprio, com suas regras e configurações escolares já estabelecidas. Não possuir a mesma postura de organização do professor e nem integração curricular, também tem gerado conflitos.

Essas novas configurações para o trabalho de ensinar entre os docentes e novos atores sociais são distintas e quanto mais distantes andam professores e monitores mais acentuadas ficam essas diferenças. Parece haver um choque cultural na entrada destes novos atores na escola, pois são pessoas que até então viviam fora dos espaços escolares, desvinculados dos projetos coletivos das mesmas. Como o Programa tem a finalidade de contribuir para melhoria da aprendizagem, em todos os aspectos da integralidade do aluno, surge à função do Professor Comunitário, que deve fazer parte do quadro efetivo da escola, pois ele é quem vai intermediar as atividades do contraturno escolar e envolver a escola como um todo, organizando as atividades, fazendo a integração curricular e diálogo entre professores e monitores, buscando um novo conceito neste novo paradigma educacional. Lembramos que o Programa vem para isso, para ressignificar conceitos e construir um plano que promova a integração do grupo dentro do Projeto Político Pedagógico da escola, incluindo como gerir o compartilhamento da tarefa de ensinar, para que as relações de estranhamento vindas da convivência cotidiana, em função das diferentes formas de ensinar ou de graus diferenciados de formação sejam ajustadas e bem administradas à diversidade de olhares que este novo modelo propõe.

As relações de estranhamento entre os docentes e monitores também podem ser apaziguadas a partir da cultura de cooperação, pois ela vem como uma nova possibilidade de entrosamento entre os mesmos, que segundo Thurler (2000), leva os atores a investir-se numa missão comum e a construírem um quadro de referências compartilhado, a partir de um debate permanente a cerca das

finalidades, dos valores e das diversas escolhas pedagógicas e ideológicas e das práticas que os mobilizam para a ação coletiva. Essa proposta da cultura de cooperação provoca um diálogo sobre as diferenças, seja nas práticas de ensino compartilhadas ou nas regras já estabelecidas pela escola, pois vai construindo um conjunto de práticas e ações que são embasadas em pontos positivos dos envolvidos, que serão partilhadas no grupo, onde cada sujeito envolvido se sentirá pertencente como parte de um todo. Este processo cooperativo, atitudes de diálogo e trabalho coletivo são elementos fundamentais para constituir uma rede de saberes que faz parte deste novo paradigma de educação e, com todos os agentes do contexto escolar, poderá proporcionar um sentido de segurança ao grupo, pois com mesmos objetivos irão colaborar para melhorar a qualidade do ensino.

Através das entrevistas é possível verificar que os monitores percebem o Mais Educação como uma proposta positiva. Referem que o Programa oportuniza novas aprendizagens, explora os conhecimentos comunitários, os saberes populares, levando em conta o cotidiano e as experiências individuais que os alunos trazem consigo e que, muitas vezes, o currículo formal não contempla. Quando remetem a questão sobre a formação para ministrar as oficinas, explanam a importância de se sentir um educador social e buscar aperfeiçoamento da sua prática, bem como diz Paulo Freire:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (1991, p.58)

Este novo ator educativo possui outros domínios de aprendizagem que rompe com a ideia conteudista da escola. As oficinas são vistas por eles não só como espaço de aprendizagem, mas também como local de socialização, valorizando a produção de diversas culturas e linguagens expressas pelos alunos. Integram outras competências que viabilizam outras expressões culturais, que geram esta sociabilidade com os alunos que os professores de outros universos socioculturais não possuem. Essa aproximação influencia na construção de identidades dos educandos, pois os monitores também trazem vivências significativas que auxiliam o aluno a ver sua comunidade de forma diferente. Talvez, seja por isso que ainda não

conseguem se sentir pertencentes ao grupo escolar, devido a sua maneira diferenciada de ver o contexto escolar.

Esse distanciamento que os monitores relatam em relação ao grupo escolar, reflete da falta de propostas de formação, principalmente pedagógica por parte da escola ou parceria com secretaria de educação que possam ampliar as potencialidades educativas das oficinas que desenvolvem. Se houver uma construção de propostas de formação, que ampliem o diálogo entre docente-monitores e que seja coerente com as necessidades de ambos, isto pode vir diminuir o distanciamento de todos os sujeitos educadores envolvidos.

Cabe assim, também, refletir sobre a necessidade do grupo escolar valorizar estes jovens educadores, que mesmo ainda em formação precisam ser acolhidos e entendidos como pertencentes a uma equipe, pois também enfrentam a precariedade dos espaços e as inúmeras demandas de uma boa ação educativa, além de dar atenção às suas práticas e escuta de experiências, uma vez que ocupam um lugar fundamental na aproximação da escola (Carvalho, Dayrrel, Geber, p.167, 2012).

4 Considerações Finais

O Programa Mais Educação, como indução a implementação da Educação Integral tem gerado um grande esforço para construir um novo paradigma de educação. Tem sido um processo que vem envolvendo não só os professores e os gestores escolares, mas também a participação de novos agentes sociais adentrando-se na escola, trazendo consigo um novo modelo de aprendizagem.

No entanto, observamos um ponto problemático que é a relação estabelecida entre os diferentes atores sociais envolvidos e o grupo docente. Se por um lado, esta relação entre ambos tem gerado conflitos, por outro lado traz o ineditismo desta vivência, onde são envolvidas diferentes representações sociais, novos estereótipos e relações de diferenças culturais. Mas como administrar esta diversidade de olhares que este modelo propõe?

Inicialmente, poderíamos responder às questões acima afirmando o papel fundamental que a gestão escolar possui no desfecho destes conflitos. É

interessante e necessário que a escola promova debates, formações onde haja participação coletiva do grupo docente e dos monitores, construindo um entendimento com estes atores sociais que agora fazem parte do contexto escolar, dialogando com as diferenças apresentadas, desfragmentando as experiências educativas e compartilhando sentidos no aprendizado escolar.

Esta ação mediadora pode proporcionar uma relação mais dinâmica nas ações coletivas entre todos os educadores, conduzindo para uma concepção renovada de aprendizagem com valorização dos distintos saberes, aprendendo a conviver sem que cada sujeito envolvido perca sua identidade.

Dentro desta proposta diferenciada que o Programa Mais Educação coloca, o grupo escolar precisa renovar sua concepção de educação e aprendizagem, percebendo que a ampliação da jornada precisa do suporte e da colaboração de todos envolvidos para ter um bom funcionamento. A concepção que cada gestor tem sobre Educação delineará o caminho que a implementação do programa tomará dentro de cada ambiente escolar e como os desafios serão administrados.

Concluindo, penso que esta pesquisa representa uma grande colaboração para meu processo de aprendizagem e como profissional da Educação. Visualizei que determinados contextos escolares ainda estão longe de uma verdadeira integração com os educadores populares e sua comunidade, além das relações de poder e hierarquia que ainda estão presentes no contexto escolar e o quão difícil é para instituição escolar aderir às mudanças destas inovações educacionais. Penso que estamos caminhando, através da Educação Integral, para que este cenário apresentado nesta pesquisa seja modificado, pois este novo paradigma educacional contempla uma nova postura de todos os agentes envolvidos, no que diz respeito à responsabilidade e compromisso em buscar uma educação de qualidade, significativa e centrada na integralidade dos nossos alunos.

Referências

BAUER Martin W. Gaskell, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 6ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL. Programa Mais Educação, Educação Integral: **Texto referência para o debate nacional** - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, 2009.

BRASIL. Rede de saberes Mais Educação: **Caderno Rede de Saberes Mais Educação: Pressupostos para Projetos Pedagógicos de Educação Integral**- Brasília: Ministério da Educação , 2009.

DAYRELL, Juarez. CARVALHO, Levindo Diniz. GEBER, Saulo. **Os jovens educadores em um contexto de Educação Integral**, apud MOLL, Jaqueline. Caminhos da Educação Integral no Brasil [recurso eletrônico]: Direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUARÁ, Maria F da Rosa. **É imprescindível educar integralmente**. Cadernos Cenpec: Educação Integral, n.2, São Paulo: Cenpec, 2006.

MOLL, Jaqueline. **Um Paradigma Contemporâneo para a Educação Integral**. Revista Pátio, Ano XIII nº51, ago/out 2009.

THURLER, Mônica Gather. **Inovar no interior da escola**. Porto Alegre: Artmed, 2001. apud TITTON, Maria Beatriz Pauperio. Profissionais da Educação Integral: que atores entram nesse jogo? Cadernos Cenpec: Educação Integral, n.2, São Paulo: Cenpec, 2006.

TITTON, Maria Beatriz Pauperio. PACHECO, Suzana Moreira. **A construção de novas relações no cotidiano**, apud MOLL, Jaqueline. Caminhos da Educação Integral no Brasil [recurso eletrônico]: Direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso 2012.

TITTON, Maria Beatriz Pauperio. **Profissionais da Educação Integral: que atores entram nesse jogo?** Cadernos Cenpec: Educação Integral Ano XVIII, Boletim 13 – Agosto/2008.